

O QUE SIGNIFICA REGULAR NA EDUCAÇÃO?

WHAT DOES "REGULAR" MEAN IN EDUCATION?

¿QUÉ SIGNIFICA “REGULAR” EN EDUCACIÓN?

 <https://doi.org/10.56238/arev8n3-034>

Data de submissão: 06/02/2026

Data de publicação: 06/03/2026

Franciane Mocelin Polli

Mestranda em Educação: Teoria e Prática de Ensino

Instituição: Secretaria da Educação do Município de Colombo

E-mail: francianemocelinpolli@educacao.colombo.pr.gov.br

Sônia Maria Chaves Haracemiv

Doutorado em História e Filosofia da Educação

Instituição: Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP)

Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-9305-5227>

RESUMO

A Constituição Federal de 1988 assegura a educação como direito de todos e determina que o Atendimento Educacional Especializado (AEE) seja ofertado preferencialmente na rede regular de ensino, reafirmando os princípios de igualdade, equidade e inclusão. No entanto, a própria nomenclatura "Ensino Regular" revela tensões históricas e políticas, pois sugere a existência de um padrão de normalidade e, implicitamente, de sujeitos que estariam fora dele. Este ensaio problematiza os sentidos de "regular" e "irregular" na educação, questionando se o estudante que necessita de AEE poderia ser considerado irregular. À luz dos direitos humanos e da perspectiva inclusiva, sustenta-se que não é o aluno que se desvia da regularidade, mas o sistema educacional que precisa se reorganizar para atender à diversidade humana. O AEE é compreendido não como espaço de exceção, mas como instrumento de equidade, que amplia a noção de regularidade ao reconhecer diferentes tempos, trajetórias e modos de aprender. A discussão é enriquecida pela metáfora presente na canção Maluco Beleza, de Raul Seixas, que tensiona os conceitos de normalidade e desvio, valorizando a singularidade como princípio. Conclui-se que a verdadeira regularidade na educação reside na garantia da inclusão, na flexibilidade pedagógica e no compromisso ético com o direito à aprendizagem de todos.

Palavras-chave: Ensino. Regular. Educação.

ABSTRACT

The 1988 Federal Constitution guarantees education as a right for all and mandates that Specialized Educational Services (AEE) be offered preferably within the regular education system, reaffirming the principles of equality, equity, and inclusion. However, the very term "Regular Education" reveals historical and political tensions, as it suggests the existence of a standard of normality and, implicitly, of subjects who would fall outside of it. This essay problematizes the meanings of "regular" and "irregular" in education, questioning whether a student who needs AEE could be considered irregular. In light of human rights and an inclusive perspective, it is argued that it is not the student who deviates from regularity, but the educational system that needs to reorganize itself to address human diversity. AEE is understood not as a space of exception, but as an instrument of equity, which broadens the

notion of regularity by recognizing different times, trajectories, and ways of learning. The discussion is enriched by the metaphor present in the song "Maluco Beleza" by Raul Seixas, which challenges the concepts of normality and deviance, valuing singularity as a principle. It concludes that true regularity in education lies in guaranteeing inclusion, pedagogical flexibility, and an ethical commitment to the right to learning for all.

Keywords: Teaching. Regular. Education.

RESUMEN

La Constitución Federal de 1988 garantiza la educación como un derecho para todos y exige que los Servicios Educativos Especializados (EEE) se ofrezcan preferentemente dentro del sistema educativo regular, reafirmando los principios de igualdad, equidad e inclusión. Sin embargo, el propio término "Educación Regular" revela tensiones históricas y políticas, ya que sugiere la existencia de un estándar de normalidad e, implícitamente, de sujetos que quedarían fuera de él. Este ensayo problematiza los significados de "regular" e "irregular" en educación, cuestionando si un estudiante que necesita EEE podría ser considerado irregular. Desde la perspectiva de los derechos humanos y la inclusión, se argumenta que no es el estudiante quien se desvía de la regularidad, sino el sistema educativo el que necesita reorganizarse para abordar la diversidad humana. La EEE se entiende no como un espacio de excepción, sino como un instrumento de equidad, que amplía la noción de regularidad al reconocer diferentes tiempos, trayectorias y formas de aprendizaje. El debate se enriquece con la metáfora presente en la canción "Maluco Beleza" de Raúl Seixas, que cuestiona los conceptos de normalidad y desviación, valorando la singularidad como principio. Concluye que la verdadera regularidad en la educación reside en garantizar la inclusión, la flexibilidad pedagógica y un compromiso ético con el derecho al aprendizaje para todos.

Palabras clave: Enseñanza. Regular. Educación.

1 INICIANDO A REFLEXÃO

A Constituição Federal de 1988 estabelece, nos Artigos 205 e 206, a educação como um direito de todos e dever do Estado e da família, orientada pelos princípios da igualdade de condições para acesso e permanência na escola. No Artigo 208, reforça-se que o Atendimento Educacional Especializado (AEE) deve ser ofertado preferencialmente na rede regular de ensino, garantindo que o aluno que necessita desse suporte não seja excluído do ambiente escolar comum. Esses dispositivos legais formulam, em teoria, um sistema educacional comprometido com a equidade, a inclusão e o reconhecimento das diferenças como parte constitutiva da experiência humana.

No entanto, ao adentrarmos as práticas e os discursos educacionais, um questionamento emerge: **o que significa “regular” na educação?** E mais ainda, o que significa “irregular”? A simples nomenclatura “Ensino Regular”, utilizada frequentemente nos documentos oficiais e no cotidiano escolar, já carrega uma conotação de normalidade – e, conseqüentemente, sugere a existência de algo que estaria fora desse padrão. Desse modo, a linguagem escancara tensões históricas e políticas: se há um ensino chamado “regular”, então o que não se encaixa nessa estrutura tende a ser compreendido como exceção, desvio ou falta.

Essa distinção implícita revela uma contradição com os próprios princípios constitucionais de igualdade. Se a educação é um direito universal, seu acesso não deveria ser categorizado em regular e irregular, mas sim em diversos e plural. No entanto, quando um educando necessita de AEE, frequentemente se instaura a ideia de que ele “sai” da regularidade. Surge, então, o questionamento central deste ensaio: **o estudante que precisa de um atendimento especializado torna-se irregular por necessitar de atendimento diferenciado?**

A resposta, sob a ótica dos direitos e da inclusão, é claramente negativa. O estudante não perde sua regularidade; pelo contrário, é o sistema que precisa se reorganizar para atender à diversidade humana. A necessidade de suporte especializado não revela uma irregularidade no educando, mas sim a **irregularidade histórica das instituições**, que durante muito tempo foram estruturadas para atender um modelo único de aluno: aquele que aprende da mesma forma, no mesmo tempo e pelos mesmos métodos. Quando a escola não contempla esses diferentes modos de aprender, é ela que se mostra insuficiente, e não o estudante.

O AEE, portanto, não é um espaço de exceção, mas um instrumento de equidade. Ele não separa o estudante da rede regular, mas complementa sua formação, reconhecendo que a igualdade real não se alcança oferecendo o mesmo a todos, e sim garantindo que cada indivíduo receba aquilo de que precisa para aprender. Assim, o atendimento especializado não representa uma ruptura com a

regularidade, mas sim uma ampliação dessa regularidade, que passa a incluir diferentes trajetórias, tempos e modos de aprender.

Logo, refletir sobre o regular e o irregular na educação implica deslocar o olhar do indivíduo para o sistema. O aluno que necessita de AEE não é irregular; ele é parte legítima e constituinte do espaço escolar. Irregular é qualquer estrutura que não reconheça a diversidade como fundamento da educação pública e democrática. Assim, a verdadeira regularidade está na garantia da inclusão, na flexibilidade pedagógica e no compromisso ético com o direito à aprendizagem de todos. Precisamos ter essa consciência, mas ajudaria muito se essa nomenclatura fosse repensada.

A educação contemporânea é marcada por tensões entre práticas que privilegiam a **regularidade** — entendida como padronização, normatização e organização — e perspectivas que defendem a **irregularidade**, associada à liberdade, criatividade e singularidade. Essa dualidade expressa a disputa entre modelos tradicionais, orientados por controle e previsibilidade, e abordagens humanizadoras, que reconhecem a multiplicidade dos sujeitos e suas formas de aprender.

Nesse contexto, a canção “*Maluco Beleza*”, de Raul Seixas, oferece metáfora potente para problematizar o desejo de uniformização presente na escola e, simultaneamente, valorizar a singularidade como princípio educativo.

Assim, o presente ensaio discute como regularidade e irregularidade se articulam no campo educacional, relacionando-as à crítica cultural proposta por Raul Seixas, a fim de defender uma educação que concilie organização institucional e respeito à diversidade humana.

2 REGULARIDADE E IRREGULARIDADE NA EDUCAÇÃO: UM OLHAR A PARTIR DE “MALUCO BELEZA”

A educação, em sua essência, é um espaço de encontros: entre sujeitos, saberes, experiências e modos de ser. Entretanto, muitas vezes esse espaço é regido por expectativas de **regularidade**, entendida como aquilo que se encaixa em padrões, normas e rotinas consideradas adequadas. Ao mesmo tempo, a escola convive e precisa dialogar com a **irregularidade**, aquilo que foge ao previsto, que não se adapta totalmente às molduras institucionais. Essa tensão ganha profundidade quando observada à luz da canção “*Maluco Beleza*”, de Raul Seixas, cuja letra celebra justamente o direito de ser diferente, singular e criativo.

Raul canta: “*Eu sou fã do maluco beleza*”, e logo nos convida a perceber o valor da liberdade e da autenticidade. O “maluco” aqui não é alguém desorganizado ou incapaz, mas um sujeito que escapa das imposições de homogeneidade. Ao evocar essa figura, a música questiona a obsessão social por enquadramentos rígidos — uma crítica que dialoga diretamente com muitos modelos

educacionais tradicionais, nos quais o estudante ideal é aquele que se comporta de forma previsível, disciplinada, regular.

Na educação, a **regularidade** está associada à rotina escolar, aos conteúdos obrigatórios, ao controle do tempo, à avaliação padronizada e à disciplina corporal. Trata-se da tentativa de organizar o processo educativo para garantir certa estabilidade e previsibilidade. Regularidade não é necessariamente negativa: ela estrutura, orienta e cria condições para a aprendizagem sistemática. No entanto, quando levada ao extremo, transforma-se em rigidez, sufocando a expressividade e o pensamento divergente.

É justamente a **irregularidade** — os gestos criativos, as dúvidas inesperadas, os caminhos alternativos — que muitas vezes produz as aprendizagens mais profundas. A figura do *maluco beleza* representa esse sujeito que desfaz a lógica da padronização com naturalidade. Quando Raul afirma: *“Enquanto você se esforça pra ser um sujeito normal e fazer tudo igual”*, ele denuncia o peso da normalização e a perda da singularidade. Na escola, isso se manifesta quando se espera que todos aprendam do mesmo jeito, no mesmo tempo, com as mesmas respostas. O estudante irregular, aquele que pensa diferente ou que aprende por percursos não lineares, muitas vezes é visto como um problema a ser corrigido, e não como uma potência a ser reconhecida.

A analogia evidencia uma pergunta central: **qual educação desejamos? Uma que produza sujeitos “normais” ou uma que acolha os “malucos beleza” que cada estudante carrega em si?** A educação que reconhece a irregularidade valoriza a diversidade cognitiva, cultural e emocional. Ela entende que o ato de aprender é, por natureza, múltiplo, complexo e imprevisível. Portanto, em vez de simplesmente encaixar o sujeito nos moldes, ela ajusta seus métodos e espaços para incluir diferentes modos de existir e aprender.

Raul Seixas, ao assumir sua postura de ruptura, simboliza um sujeito que reivindica o **direito à autodeterminação**. Em termos pedagógicos, essa postura se aproxima de perspectivas libertárias e humanistas da educação, especialmente de autores como Paulo Freire, que defendem que ensinar não é domesticar, mas possibilitar a recriação do mundo. Para Freire, a educação deve ser uma prática de liberdade; em Raul, essa liberdade se traduz como uma celebração da autonomia do “maluco beleza”, que se recusa a ser mero produto de expectativas alheias.

Dessa maneira, a analogia entre educação e a canção ultrapassa uma simples comparação poética. Ela funciona como provocação pedagógica: **como criar ambientes educativos que não tenham a irregularidade, mas a integrem como elemento fundamental da aprendizagem?** Isso implica repensar práticas avaliativas, flexibilizar currículos, acolher ritmos distintos e, sobretudo, reconhecer o educando como sujeito histórico e criativo.

A escola do futuro — e do presente desejável — é aquela que aprende a equilibrar regularidade e irregularidade. A regularidade como base, como suporte para a convivência e a continuidade do processo educativo; a irregularidade como espaço de invenção, identidade e potência. Assim como na música de Raul, o verdadeiro “beleza” emerge quando se compreende que a grande riqueza humana está na diversidade dos modos de ser.

Em suma, a canção “Maluco Beleza” nos convida a repensar os limites e possibilidades da educação: **não queremos apenas formar sujeitos regulares, mas pessoas capazes de imaginar, criar, questionar e existir de forma plena.** E é justamente na convivência entre o que é regular e o que é “maluco beleza” que a educação se torna verdadeiramente humana.

A educação, ao longo da história, sempre oscilou entre dois polos: **a necessidade de ordem**, representada pelas normas, rotinas, regras e padrões; e **o desejo de liberdade**, representado pela criatividade, pela expressão individual e pelo pensamento divergente. Esses dois componentes — regularidade e irregularidade — coexistem na escola, embora nem sempre de forma harmoniosa. Observar essa tensão à luz da canção “*Maluco Beleza*”, de Raul Seixas, permite iluminar dimensões profundas da prática educativa, sobretudo no que diz respeito à valorização das singularidades humanas e à crítica à normatização excessiva.

Logo no início da canção, Raul ironiza a busca incessante por se tornar um “sujeito normal”. Há nessa crítica uma rejeição à padronização que também se manifesta no cotidiano escolar: espera-se que todos os alunos tenham comportamentos regulares, aprendam no mesmo ritmo, apresentem resultados semelhantes e sigam regras muitas vezes inflexíveis. Essa regularidade institucionalizada tem raízes nos modelos históricos disciplinares de ensino, herdados do século XIX e fortemente influenciados pela lógica industrial — como bem apontam Foucault e autores da pedagogia crítica. A escola, assim, passa a funcionar como um espaço de controle e previsibilidade, no qual o desvio (a “irregularidade”) costuma ser interpretado como falha.

Contudo, Raul Seixas desafia essa visão ao afirmar que “*eu sou fã do maluco beleza*”. O “maluco beleza” é o sujeito que se permite existir fora das expectativas sociais; alguém que cultiva sua própria lógica, sua maneira singular de aprender, pensar e criar. Ao trazer essa figura para o campo da educação, evidencia-se a urgência de reconhecer que cada estudante carrega dentro de si um conjunto de irregularidades naturais — talentos singulares, tempos distintos, experiências heterogêneas, formas particulares de compreender o mundo.

A **regularidade** na educação é importante: ela organiza o processo, fornece ritmo, cria segurança e estabelece parâmetros comuns para todos. É a base sobre a qual a escola consegue funcionar. Rotinas bem estruturadas, clareza na comunicação, critérios de avaliação, normas de

convivência — todos esses elementos compõem o campo da regularidade e são fundamentais. Entretanto, quando essa regularidade se transforma em rigidez, ela passa a sufocar as possibilidades criativas dos educandos. É nesse ponto que entra a **irregularidade**, não como algo negativo, mas como potência vital.

Na canção, a irregularidade se manifesta como diferença e autenticidade. Raul assume seu modo de viver como uma escolha consciente, o que ecoa na educação como o direito do aluno de ter sua personalidade respeitada. Do ponto de vista pedagógico, essa irregularidade se aproxima de correntes como a educação libertária, a pedagogia crítica e a educação inclusiva contemporânea, que defendem que a escola deve ser capaz de acolher diferentes ritmos de aprendizagem, histórias de vida, estilos cognitivos e expressões culturais.

A escola que apenas valoriza o sujeito regular tende a produzir conformismo, obediência, reprodução. Já a escola que integra a irregularidade possibilita autonomia, pensamento crítico e inovação. A irregularidade é, portanto, fonte de criatividade — algo tão necessário em um mundo que exige soluções novas para problemas complexos.

Há um trecho especialmente simbólico na obra de Raul Seixas que diz: *“Eu vou ficar com certeza maluco beleza”*. Nesse verso, há uma afirmação de identidade que refuta qualquer tentativa de enquadramento. Na educação, tal perspectiva se traduz na ideia de que o estudante não deve ser moldado para se encaixar, mas deve ser acompanhado para se descobrir. A função da escola, nesse entendimento, não é produzir cópias de um modelo ideal, mas estimular a formação de sujeitos singulares, críticos e conscientes.

Além disso, a associação entre irregularidade e criatividade já é amplamente estudada na psicologia da educação. Pesquisadores apontam que ambientes excessivamente rígidos prejudicam a aprendizagem significativa, pois reduzem o espaço para a curiosidade e a experimentação — elementos essenciais do pensamento científico e artístico. Assim, ao invés de combater o “maluco beleza”, a educação contemporânea deveria aprender a dialogar com ele.

Há, porém, um desafio complexo: **como equilibrar regularidade e irregularidade na escola?** A resposta parece estar na compreensão de que não se trata de eliminar uma dimensão em favor da outra, mas de reconhecer que ambas são fundamentais, desde que estejam a serviço da formação humana. A regularidade deve criar bases sólidas; a irregularidade deve permitir que cada sujeito personalize sua trajetória educativa. Quando essas duas dimensões se encontram, a escola se torna inclusiva, plural e viva.

Nessa perspectiva, o professor passa a ter papel central. Ele é o mediador que reconhece os limites necessários, mas também incentiva a autonomia; que estabelece rotinas, mas flexibiliza

caminhos; que ensina conteúdos, mas estimula o pensamento criativo. Um educador que trabalha apenas com regularidades corre o risco de tornar o ensino mecânico; já aquele que valoriza somente irregularidades pode perder a organização essencial. O equilíbrio — assim como na obra de Raul — reside em aceitar que a beleza está justamente no encontro espontâneo entre ordem e liberdade.

Ao ampliar o olhar sobre regularidade e irregularidade na educação, a canção “Maluco Beleza” emerge como um manifesto pela singularidade. Ela nos lembra que *o humano é irregular por natureza* e que qualquer tentativa de domesticar essa complexidade empobrece a experiência educativa. Assim, inspirados por Raul, somos convidados a pensar em uma escola que, em vez de tentar “normalizar” seus estudantes, celebra cada “maluco beleza” que passa por suas portas. Libâneo destaca que a didática escolar exige um mínimo de organização para assegurar o acesso ao conhecimento sistematizado. Segundo o autor, “*a escola é lugar de trabalho organizado, orientado e planejado*” (LIBÂNEO, 1994, p. 23), o que demonstra que a regularidade não é um problema em si, mas uma necessidade pedagógica.

No entanto, quando essa regularidade se converte em rigidez, pode reduzir o aluno à condição de mero cumpridor de tarefas, esvaziando sua autonomia. A crítica de Raul Seixas torna-se, então, pertinente, especialmente quando afirma: “*Você pode até achar que eu tô por fora, ou eu tô inventando*”. O verso sugere que aquilo que se desvia das normas é frequentemente lido como inadequado, algo que também ocorre na escola, onde os “desvios” do modelo idealizado de aluno são muitas vezes rotulados como indisciplina ou desinteresse.

Foucault (1975) já havia alertado para os riscos de instituições que priorizam o controle e a uniformização, transformando corpos e mentes em objetos de vigilância. Nesse contexto, a regularidade pode se tornar um mecanismo de reprodução de desigualdades e de apagamento das singularidades.

A perspectiva de Edgar Morin aprofunda essa compreensão ao propor uma educação voltada à complexidade humana. Para o autor, “*é preciso ensinar a condição humana, ensinar a viver, ensinar a enfrentar a incerteza*” (MORIN, 2011, p. 15). A irregularidade, portanto, é parte constitutiva da condição humana e não pode ser excluída pela escola. Morin critica modelos lineares e reducionistas, afirmando que a educação deve integrar *razão, emoção, imaginação e sensibilidade*, todos elementos frequentemente abafados por práticas de regularidade excessiva.

Libâneo também reconhece a importância de valorizar a singularidade dos estudantes, ressaltando que a prática pedagógica crítica deve levar em conta as “necessidades formativas, sociais e culturais dos alunos” (LIBÂNEO, 1994, p. 54). Tal afirmação indica que uma educação

verdadeiramente significativa precisa articular o conhecimento sistematizado com a subjetividade dos aprendentes.

3 ALGUMAS CONSIDERAÇÕES ACERCA DA REFLEXÃO

A reflexão sobre regularidade e irregularidade na educação, iluminada pela metáfora proposta em *“Maluco Beleza”*, revela que a formação humana não pode se limitar a moldar sujeitos previsíveis, passivos ou padronizados. A singularidade — muitas vezes rotulada de irregularidade — constitui elemento essencial do processo educativo e da vida social.

A escola que compreende essa dimensão não abandona a regularidade, mas a utiliza como base para possibilitar trajetórias diversas e significativas. Assim, inspirados por Raul Seixas, podemos afirmar que a educação só se torna plenamente humana quando reconhece, acolhe e celebra cada “maluco beleza”, permitindo que cada sujeito aprenda a partir de sua própria singularidade. O equilíbrio entre ordem e invenção, norma e liberdade, é o caminho para uma educação que forma indivíduos críticos, criativos e capazes de transformar o mundo.

Diante dessas reflexões, torna-se evidente que a distinção entre regularidade e irregularidade na educação precisa ser reinterpretada à luz de uma perspectiva verdadeiramente inclusiva e humana.

Como sugere Raul Seixas em seu gesto poético de afirmar-se “maluco beleza”, a singularidade não é falha, mas potência — e deve ser reconhecida como elemento constitutivo do processo educativo. Libâneo contribui ao reafirmar que a escola democrática deve organizar-se para garantir a todos os alunos condições reais de aprendizagem, o que implica superar práticas que padronizam e excluem. Morin, por sua vez, lembra que educar é lidar com a complexidade do humano, aceitando incertezas, diferenças e trajetórias plurais.

Assim, a inclusão não é um adendo ao ensino regular, mas o modo pelo qual a educação se torna verdadeiramente regular em seu compromisso com os direitos humanos. Reafirmar esse princípio significa assumir que a escola não deve corrigir as “irregularidades” dos estudantes, mas sim transformar-se para acolher a diversidade que os constitui. Dessa forma, avançamos na direção de uma educação que, como na canção de Raul, permite que cada estudante seja plenamente o que é, com a beleza, a liberdade e a dignidade humana.

Mais do que uma discussão terminológica, é fundamental que alguém pesquisadores, professores, gestores, legisladores levem adiante a defesa da mudança não apenas da nomenclatura “Ensino Regular”, mas, sobretudo, da concepção que ela carrega. Alterar palavras é importante, mas transformar práticas é essencial. Dar voz e vez à totalidade no ensino significa reconhecer que a escola

só cumpre sua função social quando acolhe todas as formas de existência e aprendizagem, sem hierarquizá-las ou dividi-las entre “normais” e “irregulares”.

Esta é a expectativa que orienta o presente ensaio: contribuir para uma reflexão que ultrapasse o discurso e se realize em políticas, currículos, metodologias e relações escolares que afirmem a diversidade como princípio estruturante da educação pública brasileira. Assim, o compromisso com a inclusão deixa de ser exceção e torna-se o verdadeiro sentido de regularidade no sistema educacional.

REFERÊNCIAS

FOUCAULT, Michel. Vigiar e punir: nascimento da prisão. 42. ed. Petrópolis: Vozes, 2014.

FREIRE, Paulo. Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

LIBÂNEO, J. C. Didática. 2. ed. São Paulo: Cortez, 1994.

MORIN, E. Os sete saberes necessários à educação do futuro. 11. ed. São Paulo: Cortez; Brasília: UNESCO, 2011.

SEIXAS, Raul. Maluco Beleza. Intérprete: Raul Seixas. Compositor: Raul Seixas e Cláudio Roberto. In: SEIXAS, Raul. Krig-ha, Bandolo! LP. São Paulo: Philips Records, 1973. 1 disco sonoro.